

# IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA



## Cartografia Dendrocaustológica. Do desenho manual à era digital

Luciano Lourenço - luciano@uc.pt ; Sofia Bernardino - sofia.bernardino@yahoo.com ; António Bento-Gonçalves - bento@geografia.uminho.pt ; António Vieira - vieira@geografia.uminho.pt ;

Cartografia; incêndios florestais; dendrocaustologia.

Ainda que a cartografia temática, na qual se insere a dendrocaustológica, seja relativamente antiga, esta, que se refere aos incêndios florestais, é muito recente, na medida em que este fenómeno apenas se passou a manifestar, de forma mais frequente e com expressão significativa e, por conseguinte, com importância crescente, na última meia centena de anos.

Por este facto, a primeira cartografia portuguesa que conhecemos sobre este tema corresponde a levantamentos de campo, na escala de 1/25 000, iniciados na década de 70 do século passado e efectuados por técnicos da, então, Circunscção Florestal de Coimbra, a qual serviu de base à construção dos primeiros mapas publicados sobre esta temática, referente às áreas queimadas nas florestas das serras de xisto do centro de Portugal (Lourenço, 1986).

Desde esses tempos pioneiros, em que os levantamentos e o desenho dos mapas eram feitos manualmente, até à atualidade, em que a cartografia sobre esta temática se passou a basear quase exclusivamente em imagens de satélite, o caminho percorrido entre estas duas técnicas, tão próximas no tempo, mas tão distantes em métodos de recolha e de representação dos dados, será um dos aspectos que merece ser analisado, porque, apesar de relativamente recente, o desenho manual de mapas parece qualquer coisa de arcaico para as novas gerações, pelo que entendemos dever mencioná-lo e descrever alguns aspectos metodológicos inerentes à sua construção, nem sempre respeitados pela atual cartografia automática.

Por outro lado, divulgar alguns desses levantamentos de campo, muitos dos quais permaneceram inéditos, é uma justa homenagem aos técnicos que os realizaram, pois serviram de base ao levantamento das áreas ardidas que, na mencionada década de setenta, só era efectuado, pelo menos de forma sistemática, na Circunscção Florestal de Coimbra.

Com efeito, no decurso de um intervalo de tempo relativamente curto, menos de cinquenta anos, foi possível passar do desenho manual para o desenho automático de mapas, do mesmo

# IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA



modo que a impressão em papel foi sendo progressivamente substituída por documentos digitais.

Divulgar alguns dos mapas relativos a incêndios florestais, desenhados manualmente, a par de outros construídos digitalmente, tanto pelas primeiras ferramentas informáticas que permitiram representar cartograficamente dados estatísticos, hoje consideradas totalmente obsoletas, verdadeiras peças de arqueologia informática, como pelos construídos com recentes e poderosos sistemas de informação geográfica, é outra das motivações que nos levou a desenvolver este trabalho.

Com efeito, hoje, a informação geográfica, é entendida como um conjunto de dados, processados e organizados, que permitem registar a localização, a forma e atributos caracterizadores de elementos territoriais, imprescindível à caracterização de um leque bastante diversificado de atividades, bem como à de uma série de fenómenos, a que, naturalmente, os incêndios florestais não escapam. Como o universo de dados que gravita em torno dos incêndios é gigante, podendo ser direta ou indiretamente georreferenciado, permite inúmeras representações cartográficas sobre vários temas associados a incêndios florestais.

Por outro lado, como a problemática dendrocaustológica tem vindo a assumir uma importância crescente devido a diversas circunstâncias e, sobretudo, à tomada de consciência dos impactes negativos que os incêndios florestais provocam, tanto em termos de recursos naturais, como de destruição de diversos tipos de infraestruturas, bens e haveres, pelo que a sua prevenção passou a ser uma prioridade.

De facto, como todos os anos, inexoravelmente, as florestas portuguesas são devastadas por incêndios florestais, a destruição tomou tais dimensões que gerou a necessidade de a expressar através de uso de cartografia, não só em termos de mapas que representem a distribuição espacial dos incêndios florestais, mas também e sobretudo, em termos de cartografia de risco de incêndio florestal, que se reveste de primordial importância para a prevenção deste risco. Infelizmente, por vezes, tem sido feita com total desrespeito pelas regras e princípios básicos e elementares a que devem obedecer tanto a representação cartográfica como a expressão gráfica, pelo que não resistimos a também apresentar um ou outro exemplo.

Com um objectivo exclusivamente pedagógico, começaremos por dar conta de algumas situações corretamente representadas, através de exemplos concretos relativos aos primeiros mapas, desenhados manualmente, que localizavam focos de incêndio, representavam áreas ardidas ou aspectos associados às suas causas, uma vez que tanto a representação cartográfica dos pontos de início dos incêndios florestais, como a da extensão incinerada, se têm revelado bons indicadores de risco, por registarem as áreas de maior sensibilidade ao fenómeno. Concluiremos com uma breve menção a trabalhos recentes, onde algumas regras básicas da

**IV SIMPÓSIO  
LUSOBRASILEIRO DE  
CARTOGRAFIA HISTÓRICA**



cartografia foram desrespeitadas, de forma a alertar para os inconvenientes que decorrem deste mau uso da expressão cartográfica e tentar prevenir a sua repetição futura.